

GENEALOGIA DO RAP PELOTENSE

DANILO DE VASCONCELLOS FERREIRA;
LISIANE SIAS MANKE

PPGH - Universidade Federal de Pelotas – danilofrk@gmail.com
Universidade Federal de Pelotas – lisianemanke@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a trajetória da cultura Hip-Hop no Brasil, com ênfase em sua vertente musical, o rap, com foco na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. A chegada do movimento no país ocorreu no final dos anos 1970, popularizando-se na década seguinte com os bailes black, o break nas ruas de São Paulo e produções cinematográficas estadunidenses como *Wild Style* (1982) e *Beat Street* (1984).

O rap, assim como outras tradições musicais afro-estadunidenses, tem origem no processo afro-diaspórico, marcado tanto pela diáspora forçada do escravismo colonial moderno quanto pelas migrações caribenhas para os Estados Unidos no pós-Segunda Guerra. A estrutura musical do rap remonta às festas populares do Bronx, inspiradas nas festas de Kingston, Jamaica, e foi marcada pela ressignificação criativa de aparatos tecnológicos considerados obsoletos. O gênero expandiu-se a partir de 1979, com “Rapper’s Delight”, do grupo Sugarhill Gang, e consolidou-se como prática cultural e estética, vinculada às lutas sociais negras (TEPERMAN, 2015). Definido como “rhythm and poetry” (FÉLIX, 2005), o rap integra a cultura Hip-Hop, que engloba cinco elementos: rap, break, graffiti, DJ e conhecimento (IDV, 2022).

Mais do que um gênero musical, o rap constitui uma das manifestações mais significativas do Atlântico negro, difundida globalmente como prática híbrida e socialmente engajada (TEPERMAN, 2015). Sua musicalidade, baseada em samplers e recortes sonoros, desconstrói e recontextualiza composições, criando novos significados (ROSE, 2021). Além disso, movimentos como a Zulu Nation, fundada por Afrika Bambaataa em 1977, enfatizaram o caráter comunitário, educativo e político da cultura Hip-Hop, inspirando coletivos pelo mundo, inclusive no Brasil.

Artistas como Nelson Triunfo, Thaíde e DJ Hum, MC Jack e grupos como Racionais MC’s, Sistema Negro e Câmbio Negro, foram fundamentais na consolidação do Hip-Hop brasileiro, que se relacionou desde o início com o movimento negro, a afirmação da identidade afrodescendente e um caráter crítico e combativo em suas letras e postura.

Em Pelotas, a análise exige considerar a formação histórica da cidade, marcada pelo escravismo, pela indústria do charque nos séculos XVIII e XIX, e pela resistência negra, elementos centrais para compreender a presença da cultura negra, desde o final do século XVIII até o final do século XX, momento em que a cultura Hip-Hop se insere localmente. O objetivo é, portanto, identificar os processos de emergência e consolidação do rap e do Hip-Hop no extremo sul do Brasil, buscando estabelecer a origem e o desenvolvimento do Hip-Hop na cidade de Pelotas.

2. METODOLOGIA

A pesquisa baseou-se em levantamento bibliográfico (FÉLIX, 2005; OLIVEIRA, 2013; COGOY, 2015; IENCZAK, 2016), entrevistas semiestruturadas com pioneiros e participantes do rap pelotense de diferentes gerações, utilizando como referencial a metodologia da história oral, com a finalidade de obter fontes orais (ALBERTI, 2005; MEIHY, 2007), e registros em mídias digitais como YouTube.

A fundamentação teórica incluiu autores que discutem a relação entre música, identidade negra e diáspora africana (GILROY, 2001; ROSE, 2021; BUTLER, 2020), além de estudos históricos sobre Pelotas (AL ALAM, 2008; GUTIERREZ, 2001; LONER, 2007; MELLO, 1995), bem como autores que discutem o rap e a cultura Hip-Hop (ROSE, 2021; TEPERMAN, 2015; CAMARGOS 2015).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Hip-Hop brasileiro estruturou-se nos anos 1980 com práticas como o break na Estação São Bento (SP), os bailes black e a difusão do rap através de artistas como Thaíde e DJ Hum, Código 13 e MC Jack. A consolidação nacional ocorreu nos anos 1990, num momento em que o rap e o movimento Hip-Hop brasileiro adquiriram características de movimento social.

Em Pelotas, a chegada do Hip-Hop seguiu processo semelhante ao das capitais, salvaguardadas as devidas proporções. Mediado pelos bailes black, pelo cinema, propagandas e programas de auditório, elementos da cultura Hip-Hop foram sendo assimilados pelo público pelotense que a sua maneira foi se apropriando de tais elementos.

A pesquisa possibilitou uma proposta de periodização da cultura Hip-Hop em Pelotas, com base nas características e contexto de cada geração. Tal periodização utilizou como critérios os dados levantados pela metodologia já descrita.

A primeira geração do Hip-Hop em Pelotas emergiu entre 1985 e 1995, marcada pelos bailes black e pelo contato com filmes e discos que difundiam os elementos da cultura. MC's como Mabeiker, Jair Brown, Anjo DB, DJ's Tito e Boca e grupos como Calibre 12 e Time Dance inauguraram a cena local, enfrentando dificuldades técnicas para obter bases instrumentais e equipamentos adequados, superadas com improvisação e criatividade, como nas mixagens utilizando fitas cassete feitas pelo DJ Tito (IENCZAK, 2016).

A segunda geração, a partir de 1995, consolidou o movimento com a entrada de novos grupos, como Consciência Negra, Ideologia de Vida, Ligado, Preta G ao lado dos pioneiros ainda atuantes. Nesse período houve maior visibilidade através da cobertura jornalística de Carlos Cogoy, no Jornal Diário da Manhã, a ampliação de eventos e oficinas com foco na transmissão dos elementos formadores da cultura Hip-Hop, além da expansão do grafite com a fundação do S.T.O Crew, por Jair Brown e Beethoven. A chegada de CDs de bases instrumentais e do acesso digital trouxe importantes mudanças na cena deste período.

A terceira geração, entre 2005 e 2015, beneficiou-se do acesso a home studios, softwares de gravação e do papel dos beatmakers. Surgiram coletivos como o K-zeiro Alternativo, do qual se destacaram Pok Sombra, Blood Fill, Garcez DL e Zudizilla. Artistas da geração anterior seguiram atuantes, como Guido CNR, Gagui IDV e Ligado. Essa geração também é caracterizada por produções de maior complexidade, repercussão em plataformas digitais e letras de temáticas

mais amplas, influenciadas por batalhas de rima e freestyle, em sintonia com o cenário nacional.

A quarta geração, delimitada entre 2015 e 2025, apresenta maior diversidade e representatividade, com protagonismo feminino e presença da comunidade LGBTQIAPN+. Nesse contexto, artistas como Liddi Badbitch, Lady Dee, Jay Djin, B.art e DJ Dolla conquistaram crescente visibilidade. Outro aspecto interessante diz respeito ao reconhecimento de artistas da cena local, como DJ Micha e Zudizilla, que alcançaram destaque nacional. Também é marcante a presença de artistas que tiveram contato com a cultura em projetos sociais e educacionais, consolidando a transmissão geracional do Hip-Hop em Pelotas e fortalecendo sua identidade coletiva, algo semelhante ao que Teperman (2015), observou no cenário nacional com artistas de gerações formadas a partir do século XXI.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa evidencia que o Hip-Hop, enquanto cultura e movimento, conectou-se desde sua origem no Brasil a práticas de resistência negra e comunidades periféricas, ampliando seu alcance nas periferias urbanas e em cidades do interior como no caso de Pelotas. O estudo mostra como, apesar da precariedade tecnológica e do preconceito social, artistas locais criaram soluções criativas e consolidaram o rap como forma de expressão política e cultural, algo apontado por Rose (2021), como elemento formador do Hip-Hop.

A experiência pelotense confirma que o Hip-Hop, além de expressão artística, constitui um espaço de construção identitária, memória e resistência, reforçando sua relevância histórica e social, tanto no contexto brasileiro, quanto no âmbito local.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

ALBERTI, V. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro, v. 3, 2005.

BUZO, A. *Hip-Hop: dentro do movimento*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2010.

BUTLER, Kim D.; DOMINGUES, Petrônio. *Diásporas imaginadas: Atlântico Negro e histórias afro-brasileiras*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2020.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34, 2001.

GUTIERREZ, Ester J. B. *Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense*. 2. ed. Passo Fundo: UPF Editor, 2011.

IDV, G. *Resenha do Rap Vol.2*. Pelotas, RS: Editora Dando a Letra, 2022.

MAGALHÃES, M. O. *Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a cidade de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: Mundial, 1993.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

MELLO, Marco Antônio Lírio de. *Reviras, batuques e carnavais: a cultura de resistência dos escravos em Pelotas*. Pelotas: Editora Universitária UFPEL, 1994.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt; AL-ALAM, Caiuá Cardoso; PINTO, Natália Garcia. *Os Calhambolas do General Manoel Padeiro: práticas quilombolas na Serra dos Tapes (RS, Pelotas, 1835)*. São Leopoldo: Oikos, 2013

RACIONAIS MC's. *Sobrevivendo no inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROSE, Tricia. *Barulho de preto: rap e cultura negra nos Estados Unidos contemporâneos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2021.

TEPERMAN, R. *Se liga no som: as transformações do rap no Brasil*. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

Artigo

FOCHI, M. A. B. Hip hop brasileiro: tribo urbana ou movimento social? Revista de Comunicação da FAAP – SP, São Paulo, v. 17, 61-69, 2007.

MORAES, J. G. V. de. História e música: canção popular e conhecimento histórico. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 20, n. 20, p. 203-221, mar. 2000.

LONER, Beatriz Ana. A recusa ao trabalho. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo. Anais... São Paulo: ANPUH, 2007.

Disponível https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548210413_ea928579d1217e724ab821cf90eb90ea.pdf. Acesso em: 31 jul. 2025.

Tese/Dissertação/Monografia

COGOY, C. A. J. **Hip Hop pelotense: saberes educativos desafiando a opressão**. 2015. 149f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

FÉLIX, João Batista de Jesus. *Hip Hop: cultura e política no contexto paulistano*. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo, 2005 (Tese de Doutorado).

IENCZAK, P. R. S. **Visões de mundo e interrelações no movimento Hip-Hop em Pelotas** - Programa de Pós-Graduação em História/ Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.